

EIXO III- NINOS E ADOLESCENTES

O COELHINHO QUE SE TORNOU REAL E O MENINO QUE VIROU GENTE

Maria Cecília Pereira da Silva¹

Era uma vez um coelhinho de veludo que era gordinho e fofinho como um coelho deve ser, sua pelugem era branca e marrom e muito macia. Ele tinha bigodes longos de verdade e suas orelhas eram apumadas com cetim cor de rosa.

Na manhã de Natal, quando ele estava sentado encaixado na meia-de-natal do menino, com um ramo de azevinho entre suas patas, ele estava lindo.

É claro que havia outros brinquedos naquele natal, mas o coelho era realmente o melhor de todos. Por pelo menos duas horas o menino o amou, mas na empolgação de olhar para todos os novos presentes o coelho de veludo foi esquecido. Por muito tempo ele viveu no armário de brinquedos ou no chão do quarto de brinquedos, e ninguém se lembrou dele. Ele era tímido e não podia reivindicar ser um modelo de alguma coisa, porque ele não sabia que existiam coelhos de verdade; ele pensava que eles eram todos cheios de estopa como ele, coisa fora de moda e antiquada. Entre eles todos, o coitadinho do coelhinho acabava se sentindo muito insignificante e trivial. A única pessoa delicada com ele era o cavalo de couro.

Pois então, o coelhinho se perguntava: Quem sou eu? E o velho cavalo sábio respondia: Você só vai saber quando se ver refletido no olhar amoroso de alguém. Aí você se torna você mesmo, você se torna real. Ah essa palavra real, pois não é que um dia ele o coelhinho ouviu-a do próprio menino, o menino disse que ele era real. Nessa altura os dois eram inseparáveis de modo que o coelhinho não tinha mais dúvidas sobre si mesmo. Mas a história nos conta que um dia ele foi visto por coelhos da floresta, coelhos verdadeiros que caçoaram dele e disseram que ele não era real. Foi um choque enorme, mas ele silenciou sobre isso e continuou dormindo como sempre bem aconchegado ao menino. E nas voltas da história acabamos sabendo sobre a maravilhosa transformação que sofreu a sua primeira lágrima. Nada menos que uma fada, também muito sábia, que esclareceu finalmente o mistério da sua existência. Então o coelhinho passou a existir por ele mesmo guardando para sempre a amada figura do menino no fundo do coração, mas não mais dependendo dele para existir.

The Velveteen Rabbit, Margery Williams, 1985.

O coelhinho Bunny é o brinquedo preferido do menino, um objeto de amor, que acolhe suas angústias de separação e de solidão quando sua mãe não pode estar presente, e ao mesmo tempo vai compondo seu mundo interno representando a mãe dentro dele, internalizada, um objeto confiante com o qual ele pode contar para crescer e suportar as frustrações da vida, um objeto que se torna vivo, real, povoando seu mundo emocional.

Esse brinquedo preferido, durante os primeiros anos de vida, além de oferecer companhia e o acolhimento necessários para acalmar as angústias infantis e permitir o

¹ Psicanalista, Membro Efetivo e Docente da SBPSP. Doutora em Psicologia Clínica na área de Psicanálise e Mestre em Psicologia da Educação pela PUCSP.

adormecer, é também objeto de toda ordem de projeção de sentimentos presentes nas relações parentais, de amor e de inveja e ódio, que pertencem ao processo psíquico de integração dos objetos primários pela criança. O coelhinho pode então representar tanto o processo da criança se tornar humana como aquele da criança humanizar suas relações com o mundo².

No trabalho psicanalítico com crianças utilizamos os brinquedos como recurso para que elas nos comuniquem seus conflitos e angústias internas, construindo junto com o analista uma história particular da dupla, capaz de reorganizar as velhas histórias, que necessitam de uma nova significação. Os personagens das brincadeiras são tanto os representantes do mundo externo, expressão de conflitos e afetos de personagens reais, como os personagens do mundo interno, representantes das fantasias inconscientes e das relações objetais.

Em muitas das crianças que recebemos no consultório, esse processo de integração dos objetos primários não se deu e o trabalho analítico vai favorecer essa integração. Assim, ao tomar em consideração os sentimentos podem encontrar uma representação.

Aos poucos e através do brincar, o *setting*, o acolhimento e a interpretação daquilo que é vivido pela dupla promovem um contorno emocional que possibilita à criança a integração emocional e a capacidade de pensar sobre a diversidade de suas emoções. E a criança vai criando e recriando os objetos, povoando e dando vida ao seu mundo interno e, ao mesmo tempo, disponibilizando recursos emocionais fundamentais para o seu desenvolvimento.

E, assim como o coelhinho de veludo esfarrapado que se torna cheio de vida e real, as crianças que, em geral, nos chegam empobrecidas e opacas, vão se tornando vivas e coloridas. O olhar e a escuta, característicos do trabalho analítico, têm este efeito constituinte para o nascimento emocional dessas crianças e sua mobilidade psíquica (Segal, 1988). Poderíamos dizer que por meio da análise é possível se alcançar uma compreensão interna mais aprimorada, que se diferencia de uma compreensão meramente intelectual, mediante a introjeção ou identificação introjetiva da função analítica (Meltzer, 1967, pp.64-77/131).

Dessa forma utilizo a idéia do processo do coelhinho de se tornar real como metáfora do processo de introjeção da função analítica, daquela função que ao cabo de uma análise se torna viva e ativa no mundo interno de nossos pacientes, colocando em movimento a auto-análise (Meltzer, 1967; Silva, 1999). Um objeto acolhedor e capaz de oferecer um sentido à diversidade de emoções de cada momento da vida, garantindo a continuidade do processo de crescimento (Berenstein & Fondevila, 1989). Talvez seja no final de uma análise o momento em que fica mais evidente se o trabalho analítico ou a função analítica foi introjetada pelo paciente e assim se tornou real.

Então, para ilustrar esses fenômenos, conto uma outra história.

² Esse conto se presta a várias leituras. Poderíamos pensar no velho Bunny como o representante kleiniano do processo de constituição de um objeto bom e confiante a ser introjetado, em que o ego abriga esse objeto e por sua vez é modificado por ele, um objeto interno inteiro e não parcial (Klein, 1923, 1926, 1929, 1946). Ou, como o objeto transicional descrito por Winnicott (1951), aquele objeto que é, num só tempo, imaginário e real, que transita entre a fantasia e a realidade e facilita a transição entre a experiência fusional com a mãe criada pelo campo de ilusão e a dependência absoluta, e o processo de desilusão e separação, para chegar à dependência relativa. Ou como a expressão da capacidade de pensar como propôs Bion (1962). Ou como o objeto estético apresentado por Meltzer (1988) que promove a percepção do belo a partir da integração do objeto bom idealizado, incluindo o maligno e o aleatório, como parte do amor do indivíduo pelo mundo. Ou, ainda, como o resultado da função analítica, que optei por me deter.

Era uma vez um menino brilhante, muito inteligente, bonito e esportista. Mas era feito de estopa. Quando o conheci ele tinha sete anos e no final, após sete anos de trabalho analítico, quatro vezes por semana, esse menino virou gente.

Ele foi um verdadeiro presente para os seus pais. Nasceu depois de 10 anos do casamento. Na escola não tinha amigos, apanhava de um colega de classe e não conseguia se separar da mãe. “Era meio desajeitado”, relata a mãe, “pulava na sua cama, vivia no meu quarto (da mãe)”. Convivia sempre no mundo adulto, vestia-se como homem, tinha uma agitação e uma ansiedade visíveis que se tornava quase intolerável para as pessoas a sua volta. E nesse meio era sempre visto como inadequado.

Apesar de ter todos os brinquedos que uma criança poderia desejar, ele nunca teve aquele preferido. Parece que ele nunca amou de verdade e deu vida a algum brinquedo. Uma vez ele manifestou um interesse especial por um canivete suíço que seus pais lhe trouxeram de viagem. Ele o trazia sempre em seu bolso.

Ele quase não brincava, só pensava em ser adulto, no mundo dos negócios e de trabalho. Quando sua mãe viajava, dormia com seu pai, no lugar dela. Sentia sua mãe distante sem disponibilidade emocional e seu pai mais próximo e afetivo, embora com pouco tempo para ele.

Era uma criança muito narcisista³, carente de um objeto materno e com dificuldade de aceitar e considerar que havia outras pessoas a sua volta. Então, por um lado ele precisava de mim como um objeto atento⁴. Ele tinha uma atitude compulsiva de me contar tudo, de não poder deixar as coisas simplesmente acontecerem, deixar as coisas em paz. Apresentava uma enorme dificuldade de brincar e de falar livremente, sem fazer um relatório. Conversava comigo contando tudo que havia feito no fim de semana, o que foi legal e o que não foi. E, por outro lado, havia um objeto interno, extremamente necessitado e carente que queria ouvir tudo, que precisava saber de tudo só para controlar.

No início da análise, preferia brincar com jogos conhecidos por ele, aqueles em que podia vencer e manter um certo controle. Seu material não era muito associativo ou criativo. Geralmente quando sua mãe viajava ou após um fim de semana intenso com a família, chegava às sessões mais distante e confuso. Às vezes, aos meus olhos, ele se assemelhava a um brinquedo de corda.

Assim fomos construindo nosso vínculo. Com o tempo ele foi se mostrando mais criativo e sentia muito prazer em me contar coisas divertidas⁵. Quando era tomada por um sono incontrolável durante a sessão, sabia que algo não ia bem com ele. Algum sentimento bastante difícil de ser comunicado era deixado por ele de fora de nossas

³ Durante várias sessões eu não existia na sala de análise. Ele usava a cesta de lixo como cesta de basquete e jogava a bola durante sessões o que me levava a sentir que a análise estava sendo jogada no lixo, ou rodava um barbante com uma tesoura na ponta sem expressar nenhuma palavra ignorando que eu estivesse na sala. Assim ele impedia-cortava qualquer contato ou comunicação afetiva entre nós. Ao longo da análise pude ajudá-lo a resgatar os aspectos sádios do *self* aprisionados por uma estrutura narcísica psicótica, possibilitando um reconhecimento do objeto como separado do *self* e maior aproximação entre os mecanismos de identificação introjetiva e projetiva com o objeto idealizado. (Rosenfeld, 1971)

⁴ Mesmo quando utilizava o divã ele se deitava olhando para mim.

⁵ Uma vez ele me contou esta piada: o Clinton foi falar com o Papa e o Papa deu o telefone vermelho, e aí ele falou: Para que serve este telefone, e aí o Papa diz: Você pode telefonar. E aí ele liga e o anjo fala para ele: Você vai ser eleito. Você vai ser presidente. Aí ele falou: Quanto custa? E pagou \$ 200,00. Daí ele foi para Israel. Foi falar com o presidente de Israel que também tinha um telefone vermelho. E ele pegou o telefone, aí ele falou, quanto é? O presidente de Israel falou: \$ 0,50. Aí o Clinton perguntou? Por que aqui é mais barato que no Papa que custava \$ 200,00? Porque aqui a chamada é local.

conversas. Eram estados mais caóticos que ficavam evidentes em sua fala desvitalizada. Ele voltava a ser um menino opaco.

Nos primeiros anos de análise, numa rara sessão, ele construiu uma narrativa⁶ com os bonecos e os animais da caixa formando várias famílias, e me falou de um cachorro abandonado que foi adotado por uma família de outros animais. Esse personagem, que surgiu na sessão, passou a fazer parte do roteiro dessa análise e permitiu que nos aproximássemos de experiências emocionais muito primitivas, até então sem representação. Quando conversamos sobre seu sentimento de abandono e os aspectos em comum desse personagem com sua experiência emocional, ele se surpreendeu e se emocionou.

Dentre as valiosas experiências emocionais que vivemos juntos recordo-me de três sonhos, expressão do teatro da mente (Meltzer, 1967), de seu contato com o mundo interno, em que o processo de simbolização está ocorrendo.

O primeiro, logo no início da análise - o sonho do ladrão. Nesse sonho, ele estava na sua casa sozinho e entravam três homens que queriam seqüestrá-lo, mas ele dava um jeito e escapava do apartamento e ia à delegacia. Só depois, seus pais o encontravam na delegacia.

Com esse sonho, ele me contava o quanto se sentia sozinho, desamparado e ameaçado. Parecia um sonho edípico, onde ele conseguia alguma coisa que o pai queria ou que estava querendo roubar alguma coisa do pai. Ele sentia muito medo de ter algo próprio. Havia um colorido de aspectos do mundo adulto, com um superego extremamente rígido que procurava dar conta desses sentimentos de abandono e de medo. Poder contar com objetos primários confortantes só viria depois.

Mais ou menos três anos depois, ele me contou o sonho do canivete. Ele sonhou que estava numa floresta sozinho e pensava como iria se virar. Então, lembrou-se que tinha com ele um canivete suíço com dois lados, de um lado tinha todas as coisas de um canivete e do outro shampoo, talco e sabonete.

Aqui apareceu seu canivete, um objeto carregado de libido amorosa. De um lado continha recursos para se defender das vivências ameaçadoras e, do outro, recursos para se confortar. Poderíamos pensar em um início de integração de seus objetos internos e de processo de individuação.

Já no final da análise ele me relatou o sonho da garoupa. Era uma pescaria, estava num barco com o seu pai e pescaram uma garoupa. Quando abria o peixe o menino encontrava um cobertor (tipo *sleeper*).

Esse sonho apontava para sua identificação com seu pai numa relação de confiança. E, ainda, que já podia contar com um objeto-cobertor na garoupa para envolvê-lo e aquecê-lo. Por outro lado, ele já estava na adolescência, e, poderíamos pensar que, também enunciava sua curiosidade em conhecer o corpo das garotas.

Um outro momento de extrema beleza vivi na minha relação com esse menino, no penúltimo ano de análise. Ele faria aniversário, a festa estava sendo planejada há muito tempo e sempre me falava que queria que eu fosse. Fui observando e conversando se ele necessitava de minha presença ou se já podia contar comigo dentro dele enquanto uma função analítica capaz de ajudá-lo nas situações novas que surgissem na festa. Num dado momento, quando isso ficou claro para mim, eu lhe disse que gostaria muito de compartilhar de sua alegria durante a festa de aniversário, mas que ao escolher ser sua analista era muito importante para nós dois que eu pudesse vir a saber das emoções de

⁶ No sentido descrito por Ferro, 1995.

seu aniversário por meio de seus olhos e não dos meus. E, ainda, que acreditava que ele poderia me levar e contar comigo dentro dele. O menino ficou muito emocionado, lágrimas escorreram por seu rosto e me disse que estava vendo como era difícil ser analista e que, para cuidar dele eu teria que perder algumas coisas. Ele me tomava como humana e assim ele se humanizava. E seu sentimento de compaixão pôde aparecer pela primeira vez.

Durante todo o período da análise, ele tinha o dia todo repleto de atividades pois, como bom aluno, não precisava estudar. Assim como o Bunny era um brinquedo entre tantos no quarto de brinquedos, a análise, durante muito tempo, era simplesmente uma atividade entre outras de seu dia. Ao lado disso, o sentimento de desconfiança e a ameaça de ruptura do processo analítico por parte de sua mãe⁷ permearam os sete anos em que estivemos juntos. Sobrevivemos às custas dele. Em um dado momento do processo analítico expressou seu desejo veemente de manter-se em análise comigo. A análise tinha se tornado real para ele. Nem todos os brinquedos eram iguais.

No último ano de análise, ele já tinha 14 anos e estava cursando o colegial numa escola nova. Tinha vários amigos e na vida em grupo era cooperativo. Mostrava-se mais independente e com mais autonomia, organizava seus programas e passava mais tempo no meio de adolescentes do que no meio de adultos. Ficava em seu quarto entretido com suas coisas, adorava música, já não perturbava os adultos à sua volta. Sentia prazer em estudar e começava a se interessar pelas inúmeras possibilidades da juventude.⁸ Era outro menino, virou gente.

Começamos a aventar a hipótese de terminar a análise⁹. Sua mãe ficou desesperada pois não imaginava que fosse possível viver sem análise¹⁰. Ele disse que não queria parar a análise por três motivos: primeiro porque não poderia voltar pois sua mãe teve que trocar de analista depois que terminou sua primeira análise, segundo porque seria muito difícil acertar nossos horários novamente e terceiro porque não teria com quem conversar sem ser comigo¹¹. Mas esses aspectos, aos poucos, foram esclarecidos e ele pôde se ver e ver que contava com uma capacidade de pensar, resultado da introjeção a função analítica, e ainda, que poderia contar comigo se quisesse voltar.¹² A situação analítica proporcionou esse encontro e a introjeção desse objeto com o qual ele pode dialogar, que atribui sentido às experiências emocionais, obtido mediante a identificação introjetiva da função analítica (Silva, 1999). Esse objeto com o qual o sujeito dialoga, fruto da internalização da função analítica, pode oferecer uma

⁷ A experiência com uma mãe incontinente e claustrofóbica foi vivida por esse menino desde muito cedo. É possível pensar que esse menino carrega uma identificação mórbida na relação com essa mãe, fruto de uma transmissão intergeracional, como defini em outro momento (Silva, 2003), que resulta em falhas na constituição do *self*. Além disso, vem de uma família em que todos faziam análise, em que se negava a singularidade de cada dupla analítica, como se sempre fosse possível achar outra analista substituta.

⁸ Observava que estava diante mim um menino com um ego fortalecido, capaz de amar e de reconhecer a alteridade. A fase inicial da puberdade já havia passado e ele se mostrava potente com sua heterossexualidade bem estabelecida. (Klein, 1950) Além disso era evidente sua capacidade de estar só. (Winnicott, 1958)

⁹ É claro que isso não significa que a análise está completa, ou que se possa analisar alguém por completo, ele terá que fazer o melhor que puder com aquilo que ele é. (Bion, 1977) O romance analítico é sempre um romance inacabado. Terminamos essa experiência, o processo continua. (Ferrari, 1977)

¹⁰ O término da análise reedita a época do desmame, em que se agudizam ansiedades psicóticas precoces e desorganizadoras. (Klein, 1923, 1950, Meltzer, 1967) É um processo doído para a dupla, deve ser um processo cuidadoso.

¹¹ Ele não podia se imaginar sozinho ou que sobreviveria sem saber tudo, devido ao seu vínculo claustrofóbico com a mãe.

¹² Acredito que pudemos permitir que sua parte adulta adquirisse maior espaço em sua personalidade, no sentido de ser capaz de desenvolver sua auto-análise (Meltzer, 1967).

compreensão interna mais aprimorada (função alfa), que se diferencie de uma compreensão meramente intelectual, como assinalou Meltzer (1967).

Durante várias sessões, ele oscilava entre deprimir pelo final de nossos encontros e esnober ironicamente nossa despedida. Ele carregava uma grande necessidade de me ter como um objeto presente com dificuldade para poder se distanciar do objeto real.

Depois de marcada a data do término da análise, surgiram várias situações de agressividade-vitalidade: brigas na escola, desafios à uma professora que o suspende, uma briga numa discoteca, onde o menino o provoca e ele responde e acaba apanhando de uma turma de meninos. Nessas situações, os pais não ficavam bravos, sentiam-no entrando no mundo dos homens. Compreendi que eram situações em que ele se experimentava e se testava antes da interrupção da análise, além de ser expressão da construção da sua identidade¹³, de se sentir com mais autonomia e segurança. Mostrava-se capaz de aceitar como natural o sentimento de existir por si mesmo. (Winnicott, 1962)

Mas podia observar que ele não era mais aquele menino inteligente que internamente era preenchido por estopa como o velho Bunny, seu mundo interno estava cheio de sentimentos e pensamentos com mobilidade psíquica. Era capaz de explorar o mundo com recursos próprios. Já podia ficar só¹⁴ sentindo-se acompanhado.

Beto virou gente.

Despediu-se com a certeza de ter marcado meu coração e sentindo que foi amado e importante para mim, mas não só, despediu-se com a esperança de poder marcar outro alguém no coração.

Resumo

Este trabalho utiliza-se da narrativa de um conto infantil e de uma análise de um menino para descrever o processo de introjeção da função analítica (aquela função responsável pelo processo de auto-análise). Ilustra os passos do processo analítico que possibilitaram o nascimento de objetos reais e vivos no mundo interno da criança - assim como no conto o coelhinho se tornou real, durante a análise foi possível observar o paciente-menino virar gente.

Unitermos: análise de crianças, função analítica, término de análise.

Summary

The bunny that became real and the boy that became human

This paper utilizes the narrative of a children's tale and a boy's analysis in order to describe the analytical function's introjection process (the function which is responsible for the self-analysis process). It illustrates the analytical process' steps that has enabled the presence of real and live objects in the child's inner world such as in the tale, the bunny became real and during the analytic process it was possible to observe the boy-patient become human.

Key- words : child analysis, analytical function, terminating analysis

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹³ Uma parte de como se constrói a identidade é pela desidentificação, que eu não sou você, você não é eu, eu não sou ela. E a outra parte, é como você se vê em relação a seus objetos internos. Assim ele foi se discriminando de sua mãe para poder vir a suportar que ela era outra pessoa e também sua mãe.

¹⁴ Isto indica que já havia a existência de um objeto bom em sua realidade psíquica, isto é, ele teve a oportunidade a partir do processo analítico de construir a crença num ambiente benigno, em função da repetição de gratificações instintivas satisfatórias, de ter encontrado um objeto que pôde compreendê-lo nomeando seus sentimentos. (Winnicott, 1958)

- BERENSTEIN, S. P. & FONDEVILA, D.S. (1989) Termination of analysis in the light of the evolution of a link. In: *International Revue of Psychoanalysis*, 16, pp. 385-9.
- BION, W.R. (1962) *Volviendo a pensar*. B. Aires: Ediciones Horme S.A.E., 1977.
- _____. (1977) Estudos psicanalíticos revisados, Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 170.
- FERRARI, A. B. (1977) Anotações para um reconhecimento sobre o tema: fim de análise, In: *Alter*, 7(3), pp.7-10.
- FERRO, A.(1995) *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- KLEIN, M. (1923) A análise de crianças pequenas. In: *Amor, culpa e reparação*. Rio de Jan: Imago, 1996.
- _____. (1926) Os princípios psicológicos do início da análise. In: *A psicanálise de crianças*, Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. (1929) Situações de ansiedade infantil refletidas no trabalho de arte e no impulso criativo. In: *A psicanálise de crianças*, Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Os progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____. (1950) Sobre os critérios para o término de uma psicanálise. In: *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MELTZER, D. (1967) *O processo psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- _____. (1988) *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- ROSENFELD, H. (1971) Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos processos agressivos do narcisismo. In Elias M. da Rocha Barros (org) *Melanie Klein Hoje II*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- SILVA, M.C.P. (1999) Introjeção da função analítica: um esboço a partir da clínica. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. 33, no 2.
- _____. (2003) *A Herança Psíquica na Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- WILLIAMS, M. (1985) *The Velveteen Rabbit*, New York: Alfred A. Knopf Publishers.
- WINNICOTT, D. W. (1951) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, cap. 18
- _____. (1958) A capacidade de ficar só. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. (1962) Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

Maria Cecília Pereira da Silva
 Rua Joaquim Antunes, 490/94 CEP 05415-001 São Paulo SP.
 Fax: 3082-7668 / Fone: 3081-9159 E-mail: mcpsilv@attglobal.net